

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS - UFGD
FACULDADE DE DIREITO E RELAÇÕES INTERNACIONAIS - FADIR
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Eliane Pallaoro

**Ucrânia – História e Construção da sua Identidade Nacional: Uma Revisão
Bibliográfica**

DOURADOS – MS
2022

Eliane Pallaoro

**Ucrânia – História e Construção da sua Identidade Nacional: uma revisão
bibliográfica**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Direito e Relações Internacionais da Universidade Federal da Grande Dourados como pré-requisito para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais sob orientação do Prof. Dr. Bruno Boti Bernardi.

DOURADOS – MS

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

P165u	<p>Pallaoro, Eliane. Ucrânia, história e construção da sua identidade nacional : uma revisão bibliográfica. / Eliane Pallaoro. – Dourados, MS : UFGD, 2022.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Bruno Boti Bernardi. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) – Universidade Federal da Grande Dourados.</p> <p>1. Ucrânia. 2. Independência. 3. Nacionalismo. 4. Rússia. 5. Conflito. I. Título.</p>
-------	---

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central – UFGD.

©Todos os direitos reservados. Permitido a publicação parcial desde que citada a fonte.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE DIREITO E RELAÇÕES INTERNACIONAIS



ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Em 10 de novembro de 2022, compareceu para defesa pública on-line do Trabalho de Conclusão de Curso, requisito obrigatório para a obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais, a aluna Eliane Pallaoro tendo como título “**UCRÂNIA - HISTÓRIA E CONSTRUÇÃO DA SUA IDENTIDADE NACIONAL: Uma revisão bibliográfica**”.

Constituíram a Banca Examinadora os professores **Dr. Bruno Boti Bernardi** (orientador), **Dra. Janiffer Tammy Gusso Zarpelon** (examinadora) e **Ma. Regiane Elvira Riquena Barbosa da Paz** (examinadora).

Após a apresentação e as observações dos membros da banca avaliadora, o trabalho foi considerado _____Aprovado_____.

Por nada mais terem a declarar, assinam a presente Ata.

Observações: Sugestão da banca avaliadora para transformar o Trabalho de Conclusão de Curso em artigo científico.

Assinaturas:

Dr. Bruno Boti Bernardi

Orientador

Dra. Janiffer Tammy Gusso Zarpelon

Examinadora

Ma. Regiane Elvira Riquena Barbosa da Paz

Examinadora

DEDICATÓRIA

A minha mãe Nelci Secchi Pallaoro, mulher lutadora, forte e que foi minha primeira professora.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, que é minha maior força em todos os momentos.

Ao meu esposo Rafael Pittas Martini, que sempre me apoiou e incentivou a vencer as dificuldades durante a graduação.

Ao meu orientador, Professor Dr. Bruno Boti Bernardi, que sempre foi muito paciente, conselheiro e acessível. Sem ele seria impossível desenvolver este trabalho.

“Aqueles que se sentem satisfeitos sentam-se e nada fazem. Os insatisfeitos são os únicos benfeitores do mundo.”

Walter S. Landor

RESUMO

Palavras-chave: Ucrânia. Independência. Nacionalismo. Rússia. Conflito.

Ao longo dos séculos, a área que hoje é a Ucrânia foi alternadamente engolida, controlada ou tomada pelo Império Mongol, mais tarde a Comunidade Polaco-Lituana, o Império Austro-Húngaro e o Império Russo, enquanto a Crimeia estava em um ponto de estado cliente do Império Otomano. Entre as Guerras Mundiais, partes do oeste da Ucrânia foram governadas pela Polônia, Romênia e Tchecoslováquia. Desde o colapso da União Soviética em 1991, a Ucrânia teve que lidar com o aperto cada vez maior da Rússia e a expansão do seu poder. Em suas três décadas de independência, a Ucrânia procurou forjar seu próprio caminho como Estado soberano, ao mesmo tempo em que procura se alinhar mais de perto com as instituições ocidentais, incluindo a UE e a OTAN. Assim, Kiev lutou para equilibrar suas relações externas e superar profundas divisões internas. A Rússia tem laços culturais, econômicos e políticos profundos com a Ucrânia e, de muitas maneiras, a Ucrânia é central para a identidade e visão da Rússia sobre si mesma no mundo. O presente trabalho tem por objetivo realizar uma pesquisa de cunho bibliográfico sobre a história da Ucrânia, seus conflitos, contextos políticos, econômicos e culturais e, assim, demonstrar que a Rússia sempre esteve atrelada a essa história, mesmo após a conquista da soberania ucraniana. Para isso foram realizadas pesquisas em livros, periódicos, artigos, sites oficiais e órgãos de imprensa reconhecidos internacionalmente como BBC News, CNN, Reuters, The Washington Post.

ABSTRACT

Over the centuries, the area that is now Ukraine was alternately swallowed up, controlled or taken over by the Mongol Empire, later the Polish-Lithuanian Commonwealth, the Austro-Hungarian Empire, and the Russian Empire, while Crimea was at one point a state client of the Ottoman Empire. Between the World Wars, parts of western Ukraine were ruled by Poland, Romania, and Czechoslovakia. Since the collapse of the Soviet Union in 1991, Ukraine has had to deal with Russia's tightening grip and expansion of power. In its three decades of independence, Ukraine has sought to forge its own path as a sovereign state, while also seeking to align itself more closely with Western institutions, including the EU and NATO. Therefore, Kiev struggled to balance its external relations and overcome deep internal divisions. Russia has deep cultural, economic and political ties to Ukraine, and in many ways, Ukraine is central to Russia's identity and vision of itself in the world. The present work aims to carry out bibliographic research on the history of Ukraine, its conflicts, political, economic and cultural contexts and, thus, demonstrate that Russia has always been linked to this history, even after the conquest of Ukrainian sovereignty. For this, research was carried out in books, journals, articles, official websites and internationally recognized media outlets such as BBC News, CNN, Reuters, The Washington Post.

Key words: Ukraine. Independence. Nationalism. Russia. Conflict.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	UCRÂNIA – ORIGENS.....	13
3	O NACIONALISMO UCRANIANO E A URSS.....	15
3.1	A INVASÃO NAZISTA NA UCRÂNIA.....	18
3.2	A UCRÂNIA SOVIÉTICA NO PERÍODO PÓS-GUERRA.....	22
3.3	O CAMINHO PARA A INDEPENDÊNCIA.....	23
4	A UCRÂNIA NA PÓS-INDEPENDÊNCIA.....	27
5	A RÚSSIA E A SOBERANIA UCRANIANA.....	32
5.1	COMO A INTERFERÊNCIA RUSSA ACELEROU A DISSOCIAÇÃO DA UCRÂNIA.....	32
6	O NACIONALISMO UCRANIANO EM CHOQUE COM OS INTERESSES RUSSOS – O CAMINHO PARA A GUERRA ATUAL.....	37
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	44

1 INTRODUÇÃO

A Ucrânia é uma nação resiliente, tendo sido ocupada e subjugada por gerações. Todas as tentativas de autodeterminação ucraniana foram sistematicamente e à força anuladas. O século XX foi particularmente traumático. O Império Russo proibiu falar em ucraniano e forçou a conversão à Ortodoxia Russa. Com a Revolução de Outubro de 1917 e a remoção das forças imperiais russas, os ucranianos tentaram criar um estado independente. Seguiu-se a Guerra da Independência da Ucrânia (também conhecida como Guerra Soviético-Ucraniana), uma série de conflitos durante os quais a República Popular da Ucrânia foi estabelecida, apenas para ser invadida pelos bolcheviques em 1919 e totalmente subjugada pela União Soviética em 1921.

A então recém-formada República Socialista Soviética da Ucrânia, um fantoche da Rússia Soviética, foi cúmplice do objetivo de apagar à força a cultura ucraniana e substituí-la pela identidade russa. Stalin causou a morte de milhões de ucranianos devido à coletivização e à fome. Sua solução para a crise populacional (que ele criou) foi enviar russos – muitos deles – para “repovoar” rapidamente o Donbas. As mulheres ucranianas foram especialmente vitimizadas. Negação de linguagem e fé, violência sexual e fome – essas foram as ferramentas de opressão e apagamento. O estabelecimento de uma Ucrânia livre e independente em 1991 estava muito atrasado.

Tradicionalmente, a Ucrânia era um país agrário – o celeiro do império russo. No século XX, sofreu vários choques devastadores: duas guerras mundiais e uma guerra civil foram travadas em seu solo. A coletivização forçada e a industrialização stalinista criaram imensos danos e sofrimento (KUBICEK, 2009). A ocupação alemã durante a Segunda Guerra Mundial trouxe uma exploração implacável, e o Holocausto dizimou a importante população judaica. Os expurgos stalinistas, a guerra e suas consequências deslocaram e mataram milhões de pessoas. Políticas posteriores transformaram o país anteriormente cosmopolita em uma república soviética isolada (BURKOVSKY; HARAN, 2015).

A partir desses primórdios, a Ucrânia teve que criar um estado democrático funcional, uma sociedade civil vibrante e uma economia competitiva integrada aos mercados pós-soviético e europeu. No entanto, não apenas o ponto de partida da

Ucrânia foi modesto, o país também foi excepcionalmente atingido pela desorganização da transição inicial. À medida que a construção da nação passou a dominar os primeiros anos após a independência da Ucrânia, a política estava em constante turbulência e centrada na disputa pelo poder (DESCHANET, 2014).

A invasão da Ucrânia pela Rússia, em 2022, constituiu a maior ameaça à paz e segurança na Europa desde o fim da Guerra Fria. Em 21 de fevereiro deste ano, o presidente russo Vladimir Putin fez um discurso apresentando uma longa lista de oposições como justificativa para a “operação militar especial” anunciada para o dia seguinte. Embora essas reclamações incluíssem a longa disputa sobre a expansão da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e a forma da arquitetura de segurança pós-Guerra Fria na Europa, o discurso centrou-se em uma questão muito mais fundamental: a legitimidade da identidade ucraniana e do próprio Estado ucraniano.

Este trabalho visa apresentar uma análise histórica das relações entre Ucrânia e Rússia apontando as reivindicações do nacionalismo ucraniano frente aos interesses e considerações estratégicas da Rússia, bem como analisar as tensões atuais entre os dois países.

Ao longo do texto, as considerações e análises se guiam pela seguinte pergunta de pesquisa: de que maneira as pressões históricas do nacionalismo ucraniano, sempre abafadas pelos russos, opõem-se aos interesses estratégicos da Rússia, criando diferentes cenários de tensões e crises até a atual guerra entre os dois países? De maneira complementar e derivada, pode-se ainda indagar: como as interferências russas na política doméstica ucraniana, especialmente depois de 1991, alimentaram grupos ucranianos pró-Occidente, aumentando tensões que levaram ao atual conflito?

A propósito da noção de nacionalismo e da pressão que o conceito imprime no povo ucraniano é mister refletir a respeito da relação Ucrânia-Rússia: entender as raízes do maior conflito na Europa desde a segunda Guerra, que tem produzido reflexos sentidos globalmente (preço dos alimentos, crise energética, por exemplo) e que coloca mais fortemente a Rússia em rota de colisão com os países ocidentais. Esse último ponto levou ao aprofundamento da aliança sino-russa e pode impactar nas reconfigurações de poder do sistema internacional, no momento de ascensão da China e possível declínio de poder dos EUA e da Europa.

Com esse contexto, o presente trabalho tem por objetivo realizar uma pesquisa de cunho bibliográfico sobre a história da Ucrânia, seus conflitos, contextos políticos, econômicos e culturais e, assim, demonstrar que a Rússia sempre esteve atrelada à história da Ucrânia, mesmo após a conquista da soberania ucraniana.

Para isso foram realizadas pesquisas em livros, periódicos, artigos, sites oficiais e órgãos não governamentais reconhecidos internacionalmente como BBC News, CNN, Reuters, The Washington Post.

O resultado dos levantamentos bibliográficos foi distribuído em cinco capítulos, em que cabe o desenvolvimento do problema, além desta introdução para contextualização, e das considerações finais. O primeiro capítulo versa acerca das origens da Ucrânia, apresentado brevemente as conquistas e conflitos ao longo dos séculos. Em seguida, no capítulo segundo o mote principal é o nacionalismo ucraniano, a invasão nazista, a reconstrução pós-guerra, a reimposição de controles totalitários como nação soviética e o caminho para a independência. A Ucrânia na pós-independência foi apresentada no terceiro capítulo, que buscou relatar a reconstrução da noção de Estado após a dissolução da União Soviética. O quarto capítulo do trabalho tratou da Rússia frente à Soberania ucraniana e como a interferência russa acelerou a dissociação da Ucrânia. No capítulo final, o trabalho discutiu o nacionalismo ucraniano em choque com os interesses russos e o caminho para o conflito atual. Fechando o estudo, as considerações finais retomaram a reflexão dos porquês que fomentaram o início e a manutenção do conflito.

2 UCRÂNIA - ORIGENS

De acordo com Wilson (2000), as terras que compõem o território moderno da Ucrânia abrigam histórias de centenas de povos, Estados e culturas. Tramas heroicas e dramáticas aconteceram ao longo dos séculos – a formação e destruição de civilizações, a mistura e confrontos de nações, guerras, revoluções, declínio cultural e renascimento.

Os historiadores há muito são atraídos em escolher metáforas para descrever essa região. Ela tem sido chamada de “as portas da Europa”, porque muitas pessoas, culturas, sabores e religiões entraram na Europa através dessas terras. Também foi considerada o “berço de muitos povos e culturas” porque ucranianos, poloneses, judeus, tártaros, bielorrussos, ciganos, búlgaros, gregos, armênios, alemães e romenos viveram e trabalharam lado a lado durante séculos (WANNER, 1995).

Sob a influência do cristianismo, os ancestrais eslavos dos ucranianos começaram a procurar seu lugar na Europa medieval. Um poderoso estado medieval chamado Rus' land ou apenas Rus' nasceu e se desenvolveu em terras ucranianas, encontrando sua idade de ouro na virada do século 11. Segundo os especialistas, cerca de 100.000 pessoas viviam em sua principal cidade chamada Kiev (a capital moderna da Ucrânia), que superava a população total então de Londres e Paris. Mais tarde, no século 13, os príncipes da Rus' foram os primeiros na Europa a enfrentar a invasão mongol, que minou o potencial de construção do Estado da nobreza local (DESCHANET, 2014).

Ainda segundo Deschanet (2014), as terras ucranianas caíram sob o domínio dos Estados vizinhos – Lituânia e Polônia, fundindo-se em uma das maiores e mais poderosas monarquias da Europa. Este estado existiu do século XVI ao final do século XVIII, reunindo os territórios da moderna Polônia, Ucrânia, Bielorrússia, Lituânia, Letônia e Rússia ocidental.

Ao mesmo tempo, o fenômeno ucraniano da cavalaria livre atingiu seu apogeu, e os cossacos ('homens livres', nas línguas turcas) apareceram na arena europeia. Por um tempo, eles conseguiram criar seu próprio estado chamado Hetmanate. Destacamentos de cossacos participaram de quase todas as grandes guerras da região, seja como força militar independente ou como mercenários. Eles

tinham seus próprios costumes únicos, autogoverno e uma tradição militar original (WILSON, 2000).

Complementa Wanner (1995, p. 106):

Enquanto isso, os tártaros da Crimeia se desenvolveram em seu solo nativo - o Canato da Crimeia. A história uniu os tártaros da Crimeia com os cossacos em uma coalizão e os colocou em colisão em lutas sangrentas. O estado da Crimeia deixou de existir aproximadamente ao mesmo tempo em que a Comunidade Polaco-Lituana foi dividida, e o Hetmanate finalmente perdeu sua autonomia. A Rússia Imperial contribuiu para todos esses eventos trágicos.

Do final do século 18 ao início do século 20, as terras ucranianas faziam parte de dois impérios – o austríaco (mais tarde austro-húngaro) e o russo. Naquela época, os ucranianos participaram das guerras, lutaram por direitos políticos e civis, construíram poderosas corporações e ferrovias, abriram ginásios e hospitais, contribuíram para a ciência e a tecnologia, bem como desenvolveram a língua e a cultura nos mesmos moldes de outras nações europeias que não tinham seus próprios Estados e faziam parte de impérios (KUZIO, 2006).

Burkovsky e Haran (2015) explicam que o século 20 começou de forma tempestuosa para a Ucrânia – milhões de pessoas foram jogadas no caos da Primeira Guerra Mundial. Testemunhando a queda dos impérios seculares, a Ucrânia fez uma tentativa de construir seu próprio estado-nação em 1917-1921. Juntamente com os poloneses, os ucranianos conseguiram proteger a Europa do comunismo e derrotar as tropas bolcheviques russas perto de Varsóvia.

A Polônia resistiu, enquanto a Ucrânia foi reconquistada por seus vizinhos. Até 1991, os ucranianos viviam sob o poder do regime totalitário como parte constituinte da URSS comunista. Foi um período difícil com tragédias e desafios – coletivização forçada, genocídio-Holodomor, O Grande Terror, Holocausto, deportações, GULAG, psiquiatria punitiva, intervenções militares soviéticas, o desastre de Chernobyl, entre outros eventos, que ceifaram a vida de milhões de ucranianos que representavam muitas nacionalidades diferentes (KUBICEK, 2009).

3 O NACIONALISMO UCRANIANO E A URSS

A ideia de autodeterminação ucraniana remonta ao século 19, numa época em que movimentos nacionalistas surgiram por toda a Europa e, com exceção dos Bálcãs, baseavam o nacionalismo na reivindicação de uma língua distinta.¹ O Nacionalismo é uma força determinante, considerando as circunstâncias socioeconômicas e políticas. No entanto cabe certa diligencia, pois em maior ou menor medida, facilidade “pode ser usada como arma por orientações políticas opostas; e como tal não pode ser critério suficiente na determinação de uma linha política”. (CARVALHO NETO, 1973)

Os primeiros nacionalistas ucranianos também acreditavam que o vernáculo ucraniano único, distinto do russo e do polonês, fazia do ucraniano uma nação (BURCOVSKY; HARAN, 2015). Embora a ideia moderna do nacionalismo ucraniano tenha se originado em Kiev e no leste da Ucrânia – então sob o domínio imperial russo – o nacionalismo como um movimento de massa se desenvolveu no oeste da Ucrânia, que estava então sob o domínio austro-húngaro (DESCHANET, 2014).

A Áustria, depois de 1867, reconheceu os direitos das minorias nacionais, como os ucranianos (então chamados rutenos). Os ucranianos ocidentais conseguiram estabelecer suas próprias escolas e obter representação política nos parlamentos locais e nacionais. O império russo, por outro lado, proibiu o uso público e o estudo da língua ucraniana, bem como qualquer atividade política associada a ela (KUBICEK, 2009).

Até a Primeira Guerra Mundial, os nacionalistas ucranianos, na Ucrânia imperial russa, acreditavam que deveriam ter autonomia dentro do império. Com o colapso da monarquia russa em fevereiro de 1917, uma “República Nacional da Ucrânia” (UNR) foi declarada em Kiev. Depois que os bolcheviques tomaram o poder em Moscou, a UNR declarou a independência em janeiro de 1918 (DESCHANET, 2014).

¹ A própria palavra "nacionalismo" apareceu pela primeira vez em fins do século XIX, para descrever grupos de ideólogos de direita na França e na Itália, que brandiam entusiasticamente a bandeira nacional contra os estrangeiros, os liberais e os socialistas, e a favor daquela expansão agressiva de seus próprios Estados, que viria a ser tão característica de tais movimentos. (HOBSBAWM, 1988)

O historiador Paul Kubicek afirma:

Entre 1917 e 1920, várias entidades que aspiravam a ser estados ucranianos independentes surgiram. Este período, no entanto, foi extremamente caótico, caracterizado por revolução, guerra civil e internacional e falta de uma autoridade central forte. Muitas facções competiam pelo poder na área que hoje é a Ucrânia, e nem todos os grupos desejavam um estado ucraniano separado. Em última análise, a independência ucraniana durou pouco, pois a maioria das terras ucranianas foi incorporada à União Soviética e o restante, no oeste da Ucrânia, foi dividido entre a Polônia, a Tchecoslováquia e a Romênia (KUBICEK, 2009, p. 327).

A independência durou pouco porque o principal campo de batalha da guerra civil na Rússia pós-imperial foi na Ucrânia, com quatro exércitos diferentes envolvidos em batalhas: os vermelhos (bolcheviques), amarelo e azul (nacionalistas ucranianos), brancos (contrarrevolucionários) e verdes (camponeses anarquistas). Toda a guerra civil resultou na morte de 15 milhões de pessoas.

Figura 1 - Mapa militar da Guerra Civil Russa



Fonte: Melo (2021)

No final, a Ucrânia foi dividida em duas novamente e a maior parte da Ucrânia ocidental caiu sob a Polônia reconstituída, enquanto os territórios a leste - incluindo Kiev, Odesa, Kharkiv e Donetsk - foram conquistados pelos bolcheviques no que se tornou a União Soviética (MELO, 2021).

Os bolcheviques eram marxistas que acreditavam que o nacionalismo era meramente um fenômeno burguês que acabaria por desaparecer sob o regime socialista. Mas Vladimir Lenin entendia o poder do nacionalismo e, em particular, a psicologia das pessoas que se sentiam injustiçadas pelo sentimento de superioridade da Rússia (ZÃO, 2011). Isso levou a União Soviética a reconhecer o

ucraniano como uma língua separada e conceder à Ucrânia um “estado” oficial na forma de uma República Socialista Soviética Ucraniana. A expectativa era que a igualdade formal das nações faria o nacionalismo se dissipar. No entanto, o estado soviético não significava autonomia política real. Todas as principais decisões ainda eram tomadas em Moscou, dentro do Partido Comunista da União Soviética (BURKOVSKY; HARAN, 2015).

O principal ponto de virada do relacionamento da Ucrânia com Moscou ocorreu no final da década de 1920 e início da década de 1930. A União Soviética havia embarcado na “coletivização” de seu setor agrícola, abolindo a propriedade privada nas áreas rurais e formando fazendas controladas pelo Estado em seu lugar. O objetivo era desapropriar o campesinato para alimentar a industrialização (DESCHANET, 2014).

A Ucrânia, conhecida como o “celeiro” do império russo por causa de suas terras férteis, resistiu às exigências impossíveis de requisição de grãos. A resposta de Joseph Stalin, que governava a União Soviética na época, foi associar essa resistência à ameaça antissoviética do nacionalismo, levando a um expurgo de toda a elite cultural ucraniana na Ucrânia soviética (GONTIJO, 2020). Isso preparou o cenário para o Holodomor – uma fome em 1932-33 que matou quatro milhões de ucranianos. O termo Holodomor vem das palavras ucranianas *holod*, que significa fome, e *moryty*, matar. Nessa visão, a fome não era natural, mas um ato de assassinato. Áreas da Rússia também sofreram fome, mas a taxa de mortalidade na Ucrânia foi muito maior (DE SALIS, 2020).

De Salis (2020) ainda expõe que o resultado da campanha de Stalin foi uma catástrofe. Na primavera de 1933, as taxas de mortalidade na Ucrânia dispararam. Entre 1931 e 1934, pelo menos 5 milhões de pessoas morreram de fome em toda a URSS. Entre elas, segundo um estudo realizado por uma equipe de demógrafos ucranianos, havia pelo menos 3,9 milhões de ucranianos. Os arquivos da polícia contêm várias descrições de casos de canibalismo, bem como ilegalidade, roubo e linchamento. Sepulturas comuns foram cavadas em todo o campo. A fome também afetou a população urbana, embora muitos tenham conseguido sobreviver graças aos cartões de racionamento. Ainda assim, nas maiores cidades da Ucrânia, cadáveres podiam ser vistos nas ruas

Figura 2 – Imagem do Holodomor



Fonte: Ukrainer (2020)

A fome foi acompanhada por um ataque mais amplo à identidade ucraniana. Enquanto os camponeses morriam aos milhões, seguindo um patrulhamento ideológico, os agentes da polícia secreta soviética tinham como alvo o establishment político e a intelectualidade ucraniana. A fome deu cobertura a uma campanha de repressão e perseguição que foi realizada contra a cultura ucraniana e os líderes religiosos ucranianos (UKRAINER, 2020).

A política oficial de “ucranização”, que encorajava o uso da língua ucraniana, foi efetivamente interrompida. Além disso, qualquer pessoa ligada à República Popular da Ucrânia de curta duração - um governo independente que havia sido declarado em junho de 1917 na esteira da Revolução de Fevereiro, mas foi desmantelado depois que os bolcheviques conquistaram o território ucraniano - foi submetida a represálias cruéis. Todos os alvos dessa campanha estavam sujeitos a serem vilipendiados publicamente, presos, enviados para o Gulag (um sistema de prisões soviéticas e campos de trabalho forçado) ou executados. Sabendo que esse programa de russificação inevitavelmente o atingiria, Mykola Skrypnyk, um dos líderes mais conhecidos do Partido Comunista Ucraniano, cometeu suicídio em vez de se submeter a um dos julgamentos de Stalin (DE SALIS, 2020).

3.1 A INVASÃO NAZISTA NA UCRÂNIA

A invasão alemã da URSS começou em 22 de junho de 1941. Os soviéticos, durante sua retirada apressada, fuzilaram seus prisioneiros políticos e, sempre que possível, evacuaram pessoal, desmantelaram e removeram plantas industriais e conduziram uma política de terra arrasada - explodindo prédios e instalações,

destruindo colheitas e reservas de alimentos e inundando minas. Quase quatro milhões de pessoas foram evacuadas a leste dos Urais durante a guerra, no entanto os alemães agiram rapidamente, e no final de novembro praticamente toda a Ucrânia estava sob seu controle (BEEVOR, 2015).

Inicialmente, os alemães foram recebidos como libertadores por parte da população ucraniana. Na Galiza, especialmente, havia muito tempo uma crença generalizada de que a Alemanha, como o inimigo declarado da Polônia e da URSS, era o aliado natural dos ucranianos para a conquista de sua independência (WEINER, 2001). A ilusão foi rapidamente quebrada. Os alemães foram acompanhados em sua entrada em Lviv em 30 de junho por membros da OUN (Organização dos Nacionalistas Ucranianos), que no mesmo dia proclamaram a restauração do estado ucraniano e a formação de uma administração estatal provisória; em poucos dias, os organizadores dessa ação foram presos e colocados em campos de concentração. Longe de apoiar as aspirações políticas ucranianas, em agosto, os nazistas anexaram a Galícia administrativamente à Polônia, devolveram a Bucovina à Romênia e deram à Romênia o controle sobre a área entre os rios Dniester e Buh do Sul como província da Transnístria, com capital em Odessa. O restante foi organizado como o Reichskommissariat Ucrânia (entidade administrativa alemã) (BEEVOR, 2015).

Nos territórios ocupados, os nazistas procuraram implementar suas políticas “raciais”. No outono de 1941 começaram os assassinatos em massa de Judeus que continuaram até 1944. Estima-se que 1,5 milhão de judeus ucranianos morreram e mais de 800.000 foram deslocados para o leste; em Kiev, cerca de 34.000 pessoas foram mortas apenas nos dois primeiros dias de massacre. Os nazistas foram auxiliados, às vezes, por forças auxiliares recrutadas da população local (WEINER, 2001).

No Reichskommissariat, os ucranianos foram condenados à servidão. As fazendas coletivas, cuja dissolução era a esperança fervorosa do campesinato, foram deixadas intactas, a indústria foi autorizada a se deteriorar e as cidades foram privadas de alimentos, pois todos os recursos disponíveis foram direcionados para apoiar o esforço de guerra alemão (HUNCZAK; SHOHRYN, 2003). Cerca de 2,2 milhões de pessoas foram levadas da Ucrânia para a Alemanha como trabalhadores escravos. As atividades culturais foram reprimidas e a educação foi limitada ao nível

elementar. Apenas a Igreja Ortodoxa Ucraniana foi autorizada a retomar seu trabalho como instituição nacional. Um pouco melhor era a situação dos ucranianos na Galiza, onde atividades culturais, cívicas e de socorro eram permitidas sob controle centralizado (WEINER, 2001).

Sob tais condições de brutalidade, a atividade política ucraniana, baseada originalmente na cooperação com os alemães, voltou-se cada vez mais para o trabalho organizacional clandestino e a resistência. Os grupos OUN que afluíram para o leste em 1941 logo foram submetidos pelas autoridades alemãs a medidas repressivas, inclusive execuções, de modo que propagaram suas visões nacionalistas clandestinamente e, através do contato com a população local, começaram a revisar sua ideologia numa direção mais democrática e pluralista (HUNCZAK; SHOHRYN, 2003).

No Leste e centro da Ucrânia, células secretas do Partido Comunista mantinham uma existência subterrânea, e um movimento guerrilheiro soviético se desenvolveu nas florestas do norte. No início de 1942 começou a formação de unidades partidárias nacionalistas, que ficaram conhecidas como Exército Insurgente Ucraniano (UPA). Além de conduzir a guerra com os alemães, os guerrilheiros soviéticos e a UPA lutaram entre si (HIMKA, 2005).

Antes do fim da guerra, o território da RSS ucraniana foi expandido. Os territórios ucranianos que haviam sido tomados do domínio polonês e romeno em 1939-1940 foram reincorporados à medida que foram reconquistados; além disso, a Tchecoslováquia cedeu a Transcarpácia à RSS da Ucrânia em junho de 1945 (HIMKA, 2005). A destruição e o deslocamento na Ucrânia causados pela Segunda Guerra Mundial superaram até mesmo os da Primeira Guerra Mundial. Estima-se que 6,8 milhões de ucranianos foram mortos e os danos materiais diretos chegaram a 285 bilhões de rublos (preços de 1941). Cerca de 200.000 deslocados ucranianos acabaram na emigração no Ocidente; a grande maioria foi devolvida ao domínio soviético por meio de repatriação forçada (BEEVOR, 2015).

O extermínio de grande parte da população judaica da Ucrânia durante a guerra e uma série de transferências e deportações da população durante e no pós-guerra alteraram, substancialmente, a composição étnica da Ucrânia. Após a expulsão e emigração da maioria de Polacos, as cidades da Ucrânia Ocidental tornaram-se ucranianas e pela primeira vez desenvolveram uma minoria russa. Os

outrora substanciais assentamentos alemães na Ucrânia, particularmente no Sul, bem como os dos tártaros na Crimeia, desapareceram; os ucranianos da região de Lemko foram deportados de seus territórios ancestrais para as novas terras que a Polônia adquiriu da Alemanha (DE SALIS, 2020).

A vitória contra os nazistas em 1941-1945 tornou-se uma importante fonte de legitimação para o regime soviético e figurou com destaque em sua propaganda no país e no exterior. Os soviéticos se referiram à guerra como a "Grande Guerra Patriótica" e tornaram sua comemoração onipresente: estátuas, monumentos e equipamentos militares (tanques, aviões) podiam ser encontrados em locais públicos em toda a URSS (mesmo em aldeias) (BEEVOR, 2015).

A literatura e o cinema soviéticos produziram uma torrente de obras factuais e ficcionais sobre a guerra; aos veteranos foi concedido um lugar de destaque nas celebrações públicas; Joseph Stalin foi elevado à estatura de um gênio militar, e seus sucessores (Nikita Khrushchev e Leonid Brezhnev) também receberam reputações infladas pelos papéis que desempenharam no esforço de guerra; 9 de maio (Dia da Vitória)² foi declarado um feriado de toda a União comemorando a rendição alemã (HIMKA, 2005).

Himka (2005) ainda expõe que a 'Grande Guerra Patriótica' reordenou a sociedade ucraniana soviética. Veteranos do Exército Vermelho ascenderam a posições de destaque na administração, independentemente de sua origem étnica ou de classe. Os comunistas que permaneceram na Ucrânia sob ocupação alemã foram submetidos a um exame detalhado de seu comportamento durante esses anos, e a maioria foi expulsa do Partido Comunista.

A propaganda soviética do pós-guerra procurou desacreditar, como colaboradores nazistas, tanto os nacionalistas ucranianos quanto o clero da Igreja Greco-Católica. Desde a independência, a avaliação da guerra na memória coletiva permanece incerta (HUNCZAK; SHOHRYN, 2003). Ucranianos ocidentais e políticos de mentalidade mais nacionalista buscavam que os veteranos da Divisão Galícia e do Exército Insurgente Ucraniano fossem reconhecidos nacionalmente como veteranos de guerra legítimos, com privilégios iguais aos dos veteranos do Exército Vermelho, mas era uma visão minoritária na Ucrânia (WEINER, 2001).

² A data do calendário, um dia mais tarde do que na Europa Ocidental, por causa da diferença de horário entre Berlim e Moscou.

3.2 A UCRÂNIA SOVIÉTICA NO PERÍODO PÓS-GUERRA

A reconstrução pós-guerra, a reimposição de controles totalitários e a sovietação do oeste da Ucrânia foram as marcas dos últimos anos do governo de Stalin. A reconstrução econômica foi realizada imediatamente quando as autoridades soviéticas restabeleceram o controle sobre os territórios recuperados (WEINER, 2001). Como nos anos pré-guerra, o governo enfatizou a indústria pesada em detrimento das necessidades dos consumidores. Em 1950, a produção industrial da Ucrânia ultrapassou o nível pré-guerra. Na agricultura, a recuperação ocorreu muito mais lentamente e os níveis de produção anteriores à guerra não foram alcançados até a década de 1960 (HUNCZAK; SHOHRYN, 2003).

O sistema de controle totalitário pré-guerra exercido através do Partido Comunista e da polícia secreta foi rapidamente reinstituído. Khrushchev continuou a chefiar o Partido Comunista da Ucrânia (PCU) como primeiro-secretário - exceto por um breve período de março a dezembro de 1947 - até sua promoção a secretário do Comitê Central em Moscou em dezembro de 1949; a ascensão de Khrushchev em Moscou, após a morte de Stalin em 1953, foi de particular importância para a Ucrânia (WILSON, 2000).

Como primeiro-secretário do PCU, Khrushchev adquiriu um conhecimento íntimo da Ucrânia, ocupou cargos no partido e no governo com seus próprios indicados de confiança e se familiarizou com as elites culturais ucranianas. Em contraste com a paranoia antiucraniana de Stalin, Khrushchev nutria poucos preconceitos contra os ucranianos que aderiram à linha do partido e serviram ao Estado soviético com lealdade (KUZIO, 2006).

A recuperação econômica na Ucrânia continuou, com taxas impressionantes – embora diminuindo ao longo do tempo – de crescimento na indústria. Algumas concessões foram feitas no fornecimento de bens de consumo. A agricultura ficou para trás, no entanto, apesar das reformas na administração de fazendas coletivas para aumentar a produtividade (WILSON, 2000). Em 1953, o terror em massa havia diminuído e a repressão passou a ser aplicada de forma mais discriminada. Uma anistia em 1955-1956 libertou a maioria dos prisioneiros dos campos de concentração e várias centenas de milhares retornaram à Ucrânia, embora muitos prisioneiros políticos continuassem a cumprir suas longas sentenças (WEINER,

2001).

Na segunda metade do governo de Khrushchev, no entanto, uma tendência distinta para russificação ressurgiu. Uma reforma educacional adotada em 1959 iniciou um longo processo de redução do ensino da língua ucraniana nas escolas. Em 1961, o novo programa do partido enfatizou a importância da língua russa para a integração dos povos soviéticos e falou da diminuição da importância das fronteiras entre as repúblicas soviéticas. Os teóricos do partido desenvolveram a teoria da “fusão de nações”, que seria acompanhada pelo desaparecimento das línguas nacionais à medida que a sociedade soviética progredia em direção ao comunismo (KUZIO, 2006).

O desempenho econômico da Ucrânia continuou a se deteriorar ao longo dos anos 1970 e 1980. As taxas de crescimento diminuíram e problemas sérios atingiram, especialmente, as importantes indústrias de metalurgia ferrosa e mineração de carvão. A produção agrícola foi prejudicada por uma série de secas, falta de incentivos e excessiva centralização na gestão das fazendas coletivas. A política energética soviética enfatizou cada vez mais a energia nuclear e, em abril de 1986, uma das usinas nucleares na Ucrânia, Chernobyl, a noroeste de Kiev, sofreu o pior acidente nuclear da história (WEINER, 2001).

Dezenas morreram no rescaldo e dezenas de milhares foram evacuados. Estima-se que 5 milhões de pessoas foram expostas a níveis elevados de radiação e centenas de milhares receberam doses suficientes para aumentar o risco de vários tipos de câncer. Décadas após o acidente, a incidência de câncer de tireoide permaneceu acentuadamente maior entre os moradores da área de Chernobyl do que entre a população em geral (WILSON, 2000).

3.3 O CAMINHO PARA A INDEPENDÊNCIA

Um surto de nacionalismo foi a consequência inesperada e não intencional da tentativa de Gorbachev³ de lidar com os crescentes problemas econômicos da União Soviética. A partir de 1986, Gorbachev lançou uma campanha por uma política

³ Mikhail Gorbachev assumiu a presidência em 1985 e foi o último governante da URSS. Herdou mais de uma década de estagnação de seus antecessores, Iúri Andropov e Konstantin Chernenko, e tentou reformar o país drasticamente, com a glasnot e a perestroika. As reformas ajudaram a implodir de vez o regime socialista.

econômica definida Perestroika (reestruturação) e pediu um confronto honesto com problemas reais, Glasnost (abertura), o que implicou ainda mais o envolvimento popular no processo. Nas repúblicas não russas, essas políticas abriram a oportunidade de expressar não apenas preocupações econômicas, mas também predominantemente nacionais (BURKOVSKY; HARAM, 2015).

Em contraste com o rápido crescimento dos movimentos de massa nas repúblicas do Báltico e da Transcaucásia, na Ucrânia o renascimento nacional estimulado pela glasnost desenvolveu-se gradualmente. A partir de meados de 1986, a imprensa e a mídia ucraniana, a princípio com cautela, começaram a abordar temas há muito proibidos. Enquanto esse processo se expandia e se intensificava, a formação espontânea local de grupos não oficiais, principalmente em Kiev e Lviv, começou em 1987 (DE SALIS, 2020). O ano de 1988 testemunhou o aumento da mobilização de massa, com as primeiras manifestações públicas – em Lviv de junho a agosto e em Kiev em novembro – e o surgimento de organizações nacionais embrionárias. Finalmente, o renascimento nacional na Ucrânia entrou no estágio de politização aberta em 1989 (HRUSHEVSKY, 2005).

Revelações contínuas sobre a escala da catástrofe de Chernobyl e evidências crescentes de irregularidades oficiais em suas consequências, combinadas com novas revelações sobre outros desastres e a ruína ambiental da Ucrânia, geraram um movimento ecológico generalizado. Por iniciativa de cientistas e escritores, grupos ambientalistas foram formados em praticamente todas as regiões, e em dezembro de 1987 eles se uniram em uma associação nacional, Zeleny Svit (Mundo Verde). No decorrer de 1989, Zeleny Svit evoluiu para uma poderosa força política liderada pelo escritor Yury Shcherbak (MAGOCSI, 2010).

Os trabalhadores industriais tradicionalmente passivos na Ucrânia também se organizaram. Anos de negligência de Moscou resultaram em deterioração constante da indústria de mineração de carvão e condições de trabalho cada vez mais perigosas nas minas. As reclamações em forma de cartas dos mineiros começaram a aparecer já em 1985, mas foi apenas em julho de 1989 que um movimento espontâneo de auto-organização dos mineiros levou à greve (MAGOCSI, 2010). As concessões estendidas por Moscou foram insuficientes para conter a crescente alienação. No decorrer do ano, os mineiros predominantemente de língua russa, com preocupações muito distantes das da intelectualidade cultural ucraniana,

começaram a ser atraídos pelo movimento nacional ucraniano como defensores de seus interesses em confronto com Moscou (HRUSHEVSKY, 2005).

A primeira organização significativa com uma agenda abertamente política foi lançada em março de 1988 formada por presos políticos recém-libertados. O objetivo era a restauração da soberania da Ucrânia como a principal garantia dos direitos nacionais e humanos de sua população. Em todas as etapas, o processo de renascimento nacional e auto-organização encontrou dura resistência da CPU (WILSON, 2020). A oposição às forças democráticas em ascensão assumiu a forma de ataques de propaganda na imprensa e na mídia, intimidação, assédio e prisões ocasionais. No entanto, as políticas oficiais da Perestroika e da Glasnost inibiram medidas mais extremas, enquanto o exemplo de rápida mudança em outras repúblicas, especialmente as bálticos, encorajou ativistas ucranianos democráticos (KUZION, 2000).

O ano de 1989 marcou a transição da mobilização social para a politização em massa na Ucrânia. Eleições para um novo órgão legislativo supremo em Moscou, o Congresso dos Deputados do Povo, trouxeram a vitória a um número significativo de candidatos não comunistas. Numerosos candidatos do Partido Comunista, incluindo funcionários de alto escalão, sofreram derrota, ainda mais humilhante nos casos em que concorreram sem oposição⁴. A confiança do partido foi abalada, e as demissões começaram a aumentar significativamente (KUZION, 2000).

As tentativas de organizar uma frente popular ganharam impulso em janeiro de 1989 sob a égide da União dos Escritores da Ucrânia. Tomando o nome Narodnyi Rukh Ukrainy (“Movimento Popular da Ucrânia para a Reconstrução”, muitas vezes abreviado para Rukh), para enfatizar sua congruência com as políticas de Gorbachev (particularmente a perestroika). Especificamente evitando o papel de uma oposição política, Rukh defendeu um programa de democratização e apoio aos direitos humanos, nacionais e das minorias. O congresso de fundação foi realizado em setembro e elegeu uma liderança chefiada pelo poeta Ivan Drach (WILSON, 2020).

O desenvolvimento mais significativo de 1990 foi o início da democracia. As

primeiras eleições competitivas para o parlamento ucraniano (que substituiu o antigo Soviete Supremo), realizadas em 4 de março, quebraram o monopólio do Partido Comunista sobre o poder político na Ucrânia. O parlamento que se reuniu em meados de maio tinha um bloco democrático substancial que, com a deserção de numerosos deputados comunistas da rígida disciplina partidária em questões específicas, reduziu a maioria central do PCU para 239 dos 450 membros (KUZION, 2000).

As mudanças na liderança política avançaram rapidamente e culminaram na eleição parlamentar do recente secretário de ideologia do PCU, Leonid Kravchuk, como seu presidente (MAGOCSI, 2010). Em 16 de julho, a soberania (embora ainda não a independência) foi reivindicada em nome do “povo da Ucrânia” – a totalidade da população residente da Ucrânia, independentemente de nacionalidade ou etnia. A declaração marcou o início de uma convergência gradual de pontos de vista sobre questões-chave entre a maioria comunista e a oposição democrática, cuja agenda foi cada vez mais adotada pelo pragmático Kravchuk (RYABCHUK, 2009).

Gorbachev, diante de uma maré crescente de nacionalismo, já havia proposto um novo tratado de união renegociado que estenderia ampla autonomia às Repúblicas Soviéticas, preservando o controle central da política externa, das Forças Armadas e do sistema financeiro. Para evitar a cessão de direitos soberanos recém-afirmados a Moscou, manifestações em massa lideradas por estudantes e uma greve de fome foram realizadas em Kiev em outubro de 1990 (MAGOCSI, 2010). Os protestos extraíram concessões que incluíam a renúncia do primeiro-ministro. No mesmo mês, Rukh, cujos membros cresciam rapidamente, proclamou como seu objetivo final a independência total da Ucrânia. Apenas o PCU declarou seu apoio aos planos de Gorbachev de um novo tratado de união (KUZION, 2000).

O golpe de estado organizado em agosto de 1991 por membros da linha dura do governo de Gorbachev, em Moscou, desmoronou em dois dias. Em sua esteira, o parlamento ucraniano, em sessão de emergência, declarou a independência total da Ucrânia em 24 de agosto. A declaração foi submetida à ratificação popular por um referendo em 1º de dezembro.

⁴ Nesses casos, os eleitores riscavam o nome único na cédula; se um candidato sem oposição não conseguisse obter mais de 50% dos votos, a eleição era declarada nula e o candidato era impedido de concorrer nas disputas subsequentes.

4 A UCRÂNIA NA PÓS-INDEPENDÊNCIA

Quando a União Soviética começou a se desfazer em 1990-91, a legislatura da RSS ucraniana declarou soberania (16 de julho de 1990) e depois a independência total (24 de agosto de 1991), um movimento que foi confirmado pela aprovação popular em um plebiscito (1 de dezembro de 1991). Com a dissolução da URSS em dezembro de 1991, a Ucrânia conquistou a independência total. O país mudou seu nome oficial para Ucrânia e ajudou a fundar a Comunidade dos Estados Independentes (CEI), uma associação de países que antes eram repúblicas da União Soviética (MIELNICZUK, 2006).

Poty (2019) explica que a população da Ucrânia votou esmagadoramente pela independência no referendo de 1º de dezembro de 1991⁵. Em uma eleição que coincidiu com o referendo, Kravchuk foi escolhido como presidente. A essa altura, vários desenvolvimentos importantes ocorreram na Ucrânia, incluindo a dissolução do Partido Comunista e o desenvolvimento (sob o recém-nomeado Ministro da Defesa Kostiantyn Morozov) da infraestrutura para forças armadas ucranianas separadas.

A Ucrânia também resistiu à pressão política de Moscou para reconsiderar seu curso em direção à independência e entrar em uma União Soviética reestruturada. Uma semana após o referendo de independência, os líderes da Ucrânia, Rússia e Bielorrússia concordaram em estabelecer a Comunidade de Estados Independentes (CEI). Pouco tempo depois, a URSS foi formalmente dissolvida (MAZAT, 2013).

Após a dissolução da União Soviética, a Ucrânia era comumente considerada como a ex-república soviética com a melhor chance de alcançar prosperidade econômica e integração com a Europa como um todo. Mas, no final do século 20, a economia ucraniana havia oscilado muito, e as mudanças sociais e políticas não conseguiram transformar a Ucrânia em um estado totalmente europeu. No entanto, a Ucrânia registou alguns ganhos importantes neste período. Consolidou a sua independência e desenvolveu a sua estrutura estatal, regularizou as relações com os países vizinhos (apesar de alguns conflitos), deu alguns passos importantes no

⁵Cerca de 84% dos eleitores elegíveis compareceram ao referendo e cerca de 90% deles endossaram a independência.

processo de democratização, e se estabeleceu como um membro de boa reputação da comunidade internacional (MAZAT, 2013).

A prioridade imediata do presidente Kravchuk era a construção do Estado. Sob sua administração, a Ucrânia rapidamente estabeleceu suas forças armadas e a infraestrutura de um estado independente. A cidadania foi estendida ao povo da Ucrânia em uma base inclusiva (em vez de étnica ou linguística) (POTY, 2019). A Ucrânia recebeu amplo reconhecimento internacional e desenvolveu seu serviço diplomático. Uma política externa pró-ocidental foi instituída e os pronunciamentos oficiais enfatizaram que a Ucrânia era um país “europeu” e não “eurasiano”. Os símbolos estatais e o hino nacional da República Nacional da Ucrânia do pós-Primeira Guerra Mundial foram reinstituídos (BURKOVSKY; HARAN, 2015).

Contudo, ao mesmo tempo em que a Ucrânia independente estava adquirindo os atributos de um Estado, enfrentava uma série de questões contenciosas que sobrecarregavam severamente o país nascente: a natureza de sua participação na CEI, o desarmamento nuclear, o status da Crimeia e o controle da Frota do Mar Negro e sua cidade portuária de Sebastopol. Embora inflamando paixões em ambos os lados da fronteira, essas questões também ajudaram a definir o novo relacionamento da Ucrânia com a Rússia (MIELNICZUK, 2006).

Os líderes ucranianos perceberam que a CEI não passava de uma associação vacilante de ex-repúblicas soviéticas e um meio de auxiliar em um “divórcio civilizado” da união. Em contrapartida, a Rússia considerou-o como um meio de manter algum grau de integração regional (sob o domínio político de Moscou) e procurou estabelecê-lo como um órgão supranacional que sucederia a URSS (BURKOVSKY; HARAN, 2015).

Desentendimentos entre a Rússia e a Ucrânia se seguiram quando esta última repudiou propostas para um exército da CEI sob comando unificado, uma cidadania comum da CEI e a guarda de fronteiras “externas” em vez de nacionais. Mantendo-se vigilante para que o envolvimento com a CEI não comprometesse sua soberania, a Ucrânia participou apenas como membro associado. Porém, após mais de sete anos de independência, com a CEI não mais representando uma ameaça real à soberania do país, a Ucrânia finalmente concordou em ingressar na Assembleia Interparlamentar da CEI em março de 1999 (MIELNICZUK, 2006).

Para Suguimoto e Castilho (2014), a questão do desarmamento nuclear provou ser um problema. Na esteira do desastre de Chernobyl, o sentimento popular antinuclear aumentou na Ucrânia; mesmo antes da independência, os líderes ucranianos se comprometeram a despojar o país de armas nucleares, mas, durante todo esse período, os ucranianos não estavam cientes do tamanho do arsenal nuclear em seu solo – a Ucrânia era efetivamente a terceira maior potência nuclear do mundo na época – nem consideraram os altos custos e problemas logísticos do desinvestimento nuclear.

Após aproximadamente metade do arsenal ter sido transferido para a Rússia no início de 1992, os líderes da Ucrânia independente começaram a questionar a sabedoria de entregar cegamente as armas a um adversário em potencial que agora reivindicava partes do território da Ucrânia (ou seja, a Crimeia). A Ucrânia expressou então reservas quanto à remoção completa das armas do país antes que pudesse obter algumas garantias para sua segurança, bem como uma compensação financeira pelo desmantelamento e transporte das ogivas. Esse aparente retrocesso causou grande preocupação no Ocidente (particularmente nos Estados Unidos) e na Rússia (KUBICEK, 2009).

Ainda segundo Kubicek (2009), seguiu-se uma intensa pressão diplomática, e a Ucrânia começou a ser retratada como uma espécie de estado pária na mídia ocidental. Finalmente, em maio de 1992, a Ucrânia assinou o Protocolo de Lisboa e as negociações subsequentes, intermediadas pelos Estados Unidos, resultaram em uma declaração trilateral (entre Estados Unidos, Rússia e Ucrânia) em janeiro de 1994, que delineou um cronograma para o desarmamento e tratou das questões financeiras e de segurança que a Ucrânia havia levantado.

Após o colapso da União Soviética, a Ucrânia ficou com o terceiro maior estoque nuclear do mundo. Em um tratado chamado Memorando de Budapeste, a Ucrânia concorda em trocar seus mísseis balísticos intercontinentais, ogivas e outras infraestruturas nucleares em troca de garantias de que os outros três signatários do tratado - EUA, Reino Unido e Rússia - "respeitarão a independência e soberania e as fronteiras existentes da Ucrânia" (BURKOVSKY; HARAN, 2015, p. 78).

As questões interligadas da Crimeia, Sebastopol e a Frota do Mar Negro também constituíam problemas pós-independência e representavam uma ameaça significativa à paz na região. Em 1954, a República Socialista Federativa Soviética da Rússia (RSFSR) transferiu a administração da Crimeia para o SSR ucraniano. No

entanto, era a única região da Ucrânia onde os russos étnicos constituíam a maioria da população. Em 1991, a Crimeia recebeu o status de república autônoma e apoiou o voto pela independência da Ucrânia (embora por uma pequena maioria). Mas o desencanto com uma Ucrânia independente logo se seguiu, e um movimento por maior autonomia ou mesmo secessão desenvolveu-se na península (PIMENTEL, 2019).

Os separatistas foram encorajados em seus esforços por pronunciamentos rotineiros de proeminentes políticos russos e da Duma russa de que a Crimeia era território russo que nunca deveria ter sido parte da Ucrânia. A situação foi complicada pela chegada de cerca de 250.000 tártaros da Crimeia na península – retornando à pátria histórica de onde foram deportados no final da Segunda Guerra Mundial – a partir do final da década de 1980 (REIS, 2015).

As tensões na região aumentaram em 1994. O líder separatista Yury Meshkov foi eleito presidente da Crimeia em janeiro, e um referendo pedindo soberania foi aprovado dois meses depois. Meshkov provou ser um líder inepto, e rapidamente alienou seus próprios apoiadores (KUBICEK, 2009). Em setembro, ele e o parlamento da Crimeia estavam travados em uma luta constitucional. O parlamento finalmente despojou Meshkov de seus poderes e elegeu um primeiro-ministro pró-Kiev. Em março de 1995, a Ucrânia aboliu o cargo de presidente da Crimeia e instituiu um governo político direto, embora tenha concedido à Crimeia concessões econômicas significativas. O movimento separatista da Crimeia entrou em declínio (MIELNICZUK, 2006).

As relações turbulentas entre a Ucrânia e a Rússia no período pós-soviético foram inevitáveis, dado que a independência da Ucrânia foi uma mudança tão repentina e fundamental. A Rússia tinha dificuldade em perceber – e também em aceitar – a Ucrânia como um país independente: via a Ucrânia como parte integrante do reino russo e até considerava os ucranianos virtualmente as mesmas pessoas que os russos (BURKOVSKY; HARAN, 2015). Consequentemente, a Rússia reagiu mais fortemente à saída da Ucrânia do que à separação das outras repúblicas soviéticas. Por outro lado, a Ucrânia estava intensamente ciente da fragilidade de sua recente independência e extremamente sensível a qualquer invasão percebida em sua soberania pela Rússia (KUBICEK, 2009).

As relações entre os dois países continuaram a ser voláteis no início do século XXI. A dependência da Ucrânia da Rússia para combustíveis fósseis foi uma questão de particular preocupação. Por exemplo, em 2006, a Rússia cortou temporariamente seu fornecimento de gás natural para a Ucrânia após alegar que a Ucrânia não havia pagado suas contas. A Ucrânia, no entanto, sustentou que a medida era uma represália por suas políticas pró-ocidentais (PIMENTEL, 2019).

As relações da Ucrânia com seus outros vizinhos tendiam a ser muito mais cordiais. As relações com a Hungria foram desde o início amigáveis. A Polônia também apoiou a independência da Ucrânia, apesar de séculos anteriores de acrimônia (MIELNICZUK, 2006). A Ucrânia também promoveu uma relação de trabalho com vários países da antiga União Soviética ao fundar uma organização sub-regional solta chamada GUAM (Geórgia, Ucrânia, Azerbaijão, Moldávia; conhecido como GUUAM de 1999 a 2005, quando o Uzbequistão era membro). As relações com a Romênia foram complicadas pelas reivindicações daquele país sobre certos territórios ucranianos e suas águas circundantes no Mar Negro. O sistema político autoritário da Bielorrússia e sua proposta de união de dois Estados com a Rússia tornaram improváveis os laços estreitos com a Ucrânia (BURKOVSKY; HARAN, 2015).

5 A RÚSSIA E A SOBERANIA UCRANIANA

Apesar do desenvolvimento e consolidação da identidade nacional ucraniana nas últimas três décadas, uma certa consciência “totalmente russa” ou pós-imperial ainda perdura nos cantos da sociedade ucraniana. Alguns políticos, militantes e pessoas comuns se alinharam com a Rússia, incluindo o ex-presidente deposto Viktor Yanukovych e o líder bielorrusso Aleksandr Lukashenko, que se identificam mais com a União Soviética supranacional do que com os Estados nacionais pós-soviéticos que governavam (PIMENTEL, 2019). Ambos promoveram o russo como língua franca, apoiaram instituições religiosas ligadas à Igreja Ortodoxa Russa e favoreceram uma estreita integração econômica e até política com a Rússia – mas lutaram para manter sua legitimidade diante da crescente consciência nacional, especialmente entre uma geração pós-soviética mais jovem. Além disso, cidadãos ucranianos ficaram ao lado dos separatistas, incluindo membros do exército ucraniano e dos serviços de segurança (BURKOVSKY; HARAN, 2015).

5.1 COMO A INTERFERÊNCIA RUSSA ACELEROU A DISSOCIAÇÃO DA UCRÂNIA

Os esforços russos para retardar a deriva da Ucrânia para o oeste datam dos primeiros anos após o colapso soviético. Embora Yeltsin aceitasse as fronteiras pós-soviéticas da Ucrânia, a preocupação com o potencial do irredentismo russo foi fundamental na decisão de Kiev em 1996 de se alinhar com a Geórgia, o Azerbaijão e a Moldávia - três Estados que enfrentaram conflitos separatistas apoiados pela Rússia (RODRIGUES, 2006).

Essa dinâmica foi muito mais pronunciada sob Putin. Em 2004, o Kremlin de Putin se inseriu na política eleitoral da Ucrânia ao apoiar abertamente Yanukovych, o sucessor escolhido a dedo do presidente Kuchma. Putin viajou para a Ucrânia antes da votação e fez campanha em nome de Yanukovych. O candidato da oposição pró-ocidental Viktor Yushchenko foi envenenado em uma tentativa de assassinato amplamente atribuída aos serviços de segurança russos (REIS, 2015). Quando as pesquisas de boca de urna indicaram que os resultados oficiais que mostravam uma vitória apertada de Yanukovych haviam sido falsificados, Moscou dobrou seu apoio,

mesmo quando massas de manifestantes vestidos de laranja saíram às ruas em Kiev e outras cidades exigindo que a eleição fosse realizada novamente sob supervisão internacional. Depois que Yushchenko conquistou uma maioria confortável na nova eleição, Moscou respondeu com várias formas de pressão – incluindo cortes de gás por motivos políticos em 2006 e 2009 (PIMENTEL, 2019).

Prestando atenção renovada à língua e cultura ucraniana, Yushchenko pressionou pelo reconhecimento internacional da fome stalinista (*Holodomor*) como um genocídio antiucraniano. Ele também levantou a questão, que seus antecessores haviam evitado, de receber um plano de ação de adesão da OTAN. Embora a presidência de Yushchenko tenha sido um fracasso em termos políticos, ele e seus aliados conquistaram uma simpatia substancial no Ocidente por retratarem os ucranianos como uma nação europeia que há muito sofria com a opressão russa (REUTERS, 2010).

O retorno de Yanukovych em 2010 e seu Partido das Regiões, com sede no Leste, em uma eleição livre e justa, pareceu oferecer à Rússia uma oportunidade de se recuperar dos reveses da era Yushchenko. Apesar de seu interesse em manter laços estreitos com a Rússia, Yanukovych e seus apoiadores eram favoráveis à assinatura de um acordo de associação com a União Europeia. O acordo pedia o estabelecimento de uma área de livre comércio profunda e abrangente que impulsionaria o comércio geral da Ucrânia e daria aos ucranianos maior acesso à Europa – incluindo tribunais e sistemas bancários que ajudariam os oligarcas ao redor de Yanukovych a proteger seus ativos (REVISTA ESTRATÉGIA INTERNACIONAL, 2014).

A ambição de assinar um acordo de associação era incompatível com o apelo de Putin por criar uma União Eurasiana que seria “uma poderosa associação supranacional capaz de se tornar um dos polos do mundo moderno” e permitir que Moscou aprofundasse sua influência política e econômica em grande parte da antiga União Soviética (REIS, 2015). Depois que Yanukovych rejeitou a adesão a esse sindicato planejado, Moscou empregou uma mistura de incentivos e sanções para convencê-lo a mudar de ideia. Embora Yanukovych tenha concordado no último minuto em abandonar o acordo de associação da UE, nem ele nem o Kremlin contavam com a fúria de milhões de ucranianos comuns que acreditavam que

Yanukovich havia traído sua aspiração por um futuro europeu (REVISTA ESTRATÉGIA INTERNACIONAL, 2015).

Os manifestantes iniciais na Praça da Independência de Kiev no final de 2013 eram principalmente jovens pedindo a Yanukovych que assinasse o acordo. Acenando com bandeiras da Ucrânia e da UE, eles incorporaram a ideia de uma Ucrânia orientada para o Ocidente e a rejeição da influência russa. Moscou, no entanto, alegou que os protestos faziam parte de uma tentativa de golpe apoiada pelos EUA, apontando para a presença de autoridades americanas e declarações de apoio aos manifestantes. Também instou Yanukovych a reprimir as manifestações (BBC NEWS, 2013). A violência das forças de segurança de Yanukovych apenas radicalizou os protestos, que se expandiram para além de Kiev e assumiram um tom cada vez mais intransigente. Mesmo nas partes de língua russa do leste da Ucrânia, os manifestantes visavam símbolos da dominação russa (REUTERS, 2013)

Em fevereiro de 2014, até o Kremlin reconheceu que Yanukovych não poderia permanecer no poder e participou das negociações para uma transição gerenciada. No entanto, o acordo de transição resultou em eleições antecipadas, limitando a capacidade de Moscou de influenciar o resultado. A eleição presidencial de maio de 2014 resultou em uma vitória abrangente para Poroshenko. Sua assinatura do acordo de associação da UE fechou a porta para a possível inclusão da Ucrânia na União Econômica da Eurásia (REVISTA ESTRATÉGIA INTERNACIONAL, 2015).

Tendo falhado em coagir a Ucrânia, Moscou girou para a partição. Mesmo antes de Yanukovych fugir do país, manifestações pró-Rússia eclodiram no porto da Crimeia de Sebastopol; em poucos dias, as forças especiais russas começaram a apreender prédios do governo e ativos militares em toda a Crimeia. Pouco mais de três semanas depois, após um referendo organizado às pressas, Putin anunciou a anexação da Crimeia. A rapidez com que a Rússia dominou a Crimeia (onde a maioria da população é etnicamente russa) reforçou as suposições russas sobre a fraqueza e artificialidade do Estado ucraniano e encorajou Moscou a empreender um esforço semelhante em muitas das regiões de língua russa do leste e do sul da Ucrânia (LIMA, 2021).

No entanto, para surpresa e frustração de Moscou, a cartilha da Crimeia teve sucesso limitado em outras partes do país. Manifestantes pró-Rússia em Dnipro, Kharkiv, Kherson, Mykolaiv, Odesa e Zaporizhzhia falharam em seus esforços para

garantir o controle dos prédios do governo e da infraestrutura de comunicações. A polícia em Kharkiv prendeu dezenas de manifestantes que tomaram o prédio da administração regional; em Odesa, contramanifestantes incendiaram os prédios dos sindicatos ocupados, matando quase quarenta ativistas pró-Rússia (CARNESELLA, 2018).

Somente em Donetsk e Luhansk os manifestantes pró-Rússia conseguiram ganhar o controle da administração local e lançar uma insurgência. As tentativas de usar referendos no estilo da Crimeia como pretexto para anexação foram descartadas, provavelmente porque poucos eleitores apoiariam a anexação pela Rússia. Poroshenko respondeu à tomada de Donetsk e Luhansk pelos rebeldes lançando uma “operação antiterrorista”. No verão de 2014, os militares ucranianos estavam prestes a cercar as forças separatistas nas autoproclamadas “repúblicas populares” de Donetsk e Luhansk, cortando-as das linhas de abastecimento que as ligavam à Rússia e deixando-as vulneráveis (FISCHER, 2019).

Ainda de acordo com Fischer (2019), diante da perspectiva de que seus representantes seriam eliminados, Moscou respondeu invadindo o território ucraniano em agosto de 2014. Embora a Guerra de Donbas tenha custado caro para a Ucrânia, a Rússia não conseguiu traduzir sua vitória em campo em um acordo político favorável. A ocupação militar e o controle da fronteira apenas permitiram à Rússia abastecer as regiões separatistas e protegê-las da reconquista.

Moscou também falhou em sua ambição maior de usar as regiões separatistas para forçar a Ucrânia a abandonar sua aspiração de integração com o Ocidente. Nem Poroshenko nem Zelensky fizeram um esforço sério para implementar as disposições do acordo de cessar-fogo em fevereiro de 2015, exigindo que a legislatura ucraniana dotasse uma “lei de status especial” para as regiões ocupadas e implementasse uma disposição constitucional sobre descentralização. Ambos entenderam que essas medidas entrincheirariam os separatistas apoiados pela Rússia dentro da estrutura federal do estado, comprometendo a soberania ucraniana e fornecendo a Moscou um veto sobre a política externa da Ucrânia - e que nenhum parlamentar eleito democraticamente votaria a favor dessas disposições (CAMPOS; LOBO; AZEVEDO, 2018).

Embora tenha assumido o cargo prometendo uma abordagem mais

pragmática à Rússia e ao conflito em Donbass, as percepções de intransigência e má fé russa levaram Zelensky a adotar uma linha mais dura. Também começou a destruir os pilares da influência russa, ordenando o fechamento de redes de televisão pró-Rússia e prendendo o oligarca Viktor Medvedchuk, que financiou vários desses canais e era considerado o principal representante do Kremlin na Ucrânia, sob acusações de traição. De igual forma pressionou para reformar os serviços de segurança, com o objetivo de erradicar os simpatizantes russos que se mostraram essenciais para a anexação da Crimeia e posteriormente interferiram nas investigações sobre a influência russa (CAMPOS; LOBO; AZEVEDO, 2018).

6 O NACIONALISMO UCRANIANO EM CHOQUE COM OS INTERESSES RUSSOS – O CAMINHO PARA A GUERRA ATUAL

O conflito em Donbass deixou a Rússia enfrentando crescentes penalidades econômicas dos Estados Unidos e da União Europeia, que acabaram por sufocar sua economia. Em 2016, a OTAN respondeu aos temores dos Estados membros ao longo das fronteiras russas, reforçando suas capacidades militares na Estônia, Letônia, Lituânia, Polônia e Romênia e mantendo sua promessa de 2008 de que a Ucrânia e a Geórgia “se tornarão” membros (ARNOULD, 2016).

A Rússia ganhou o controle de fato do Estreito de Kerch em 2014. Em 2017, a Ucrânia recorreu a um tribunal de arbitragem sobre o uso do estreito. Em 2018, a Rússia construiu uma ponte sobre o estreito, limitando o tamanho dos navios que poderiam passar, impôs novos regulamentos e deteve repetidamente navios ucranianos (LARTER; BODNER, 2018). Em 25 de novembro de 2018, três barcos ucranianos que viajavam de Odesa para Mariupol foram apreendidos por navios de guerra russos; 24 marinheiros ucranianos foram detidos. Um dia depois, em 26 de novembro de 2018, o parlamento ucraniano apoiou esmagadoramente a imposição da lei marcial nas regiões costeiras da Ucrânia e nas que fazem fronteira com a Rússia (BBC NEWS, 2018; EMBURY-DENNIS, 2018).

Mais de 110 soldados ucranianos foram mortos no conflito em 2019. Neste mesmo ano, em maio, o então recém-eleito presidente ucraniano Volodymyr Zelenskyy assumiu o cargo prometendo acabar com a guerra em Donbas. Em dezembro de 2019, a Ucrânia e os separatistas pró-Rússia começaram a trocar prisioneiros de guerra. Cerca de 200 prisioneiros foram trocados em 29 de dezembro de 2019 (FOX NEWS, 2019). De acordo com as autoridades ucranianas, 50 soldados ucranianos foram mortos em 2020. Desde 2019, a Rússia emitiu mais de 650.000 passaportes russos internos para ucranianos (BBC NEWS, 2021).

De março a abril de 2021, a Rússia iniciou um grande reforço militar perto da fronteira, seguido por um segundo reforço entre outubro de 2021 e fevereiro de 2022 na Rússia e Bielorrússia. Durante todo o tempo, o governo russo negou repetidamente que tinha planos de atacar a Ucrânia (ADAM, 2022). No início de dezembro de 2021, após negações russas, os EUA divulgaram informações sobre os planos de invasão russos, incluindo fotografias de satélite mostrando tropas e

equipamentos russos perto da fronteira (HARRIS; SONNE, 2021). A inteligência relatou uma lista russa de locais-chave e indivíduos a serem mortos ou neutralizados. Os EUA divulgaram vários relatórios que previam com precisão os planos de invasão (MERCHANT, 2022).

Nos meses anteriores à invasão, autoridades russas acusaram a Ucrânia de incitar tensões, russofobia e reprimir os falantes de russo. Eles fizeram várias demandas de segurança da Ucrânia, da OTAN e de outros países da UE. Em 9 de dezembro de 2021, Putin disse que "a russofobia é um primeiro passo para o genocídio" (THE MOSCOW TIMES, 2022). As alegações de Putin foram rejeitadas pela comunidade internacional.

Os combates em Donbas aumentaram significativamente a partir de 17 de fevereiro de 2022. Os ucranianos e os separatistas pró-Rússia acusaram uns aos outros de ataques. Houve um aumento acentuado no bombardeio de artilharia dos militantes liderados pelos russos em Donbas, o que foi considerado pela Ucrânia e seus aliados como uma tentativa de provocar o exército ucraniano ou criar um pretexto para invasão (NBC NEWS, 2022). Em 18 de fevereiro, as repúblicas populares de Donetsk e Luhansk ordenaram evacuações de emergência obrigatórias de civis de suas respectivas capitais, embora observadores notassem que evacuações completas levariam meses (BBC NEWS, 2022).

O governo russo intensificou sua campanha de desinformação, com a mídia estatal russa promovendo vídeos fabricados (bandeiras falsas) quase de hora em hora pretendendo mostrar forças ucranianas atacando a Rússia. Muitos dos vídeos de desinformação eram amadores, e as evidências mostraram que os alegados ataques, explosões e evacuações em Donbas foram encenados pela Rússia (GILBERTO, 2022).

Em 2019, os Estados Unidos também abandonaram o Tratado de Forças Nucleares Intermediárias depois de acusar a Rússia de descumprimento, um passo que permitiria implantações nucleares na Europa Central e Oriental, bem como na periferia russa na Ásia (GURGEL; PEDROSA, 2022).

Diante desse ambiente de insegurança e calculando que o Ocidente estava muito dividido e distraído para responder com força, Putin apostou em uma invasão total em 24 de fevereiro de 2022. Mesmo com os 190 mil soldados reunidos na fronteira ucraniana quando a invasão começou, Moscou não tinha a mão de obra

para realizar uma ocupação militar fundamentada, especialmente diante de uma insurgência sustentada por apoio estrangeiro (BBC NEWS, 2022). O fracasso dos ataques a Kiev, Kharkiv e outras cidades provocou pesadas baixas e forçou Moscou a voltar para Donbass (CNN BRASIL, 2022).

A decisão de Putin de usar a força, particularmente para realizar uma invasão em larga escala, em vez das incursões mais limitadas, pareceu desespero. Seu discurso em 21 de fevereiro, bem como um discurso subsequente anunciando o início da “operação militar especial” da Rússia em 24 de fevereiro, efetivamente negaram a própria ideia de uma identidade ucraniana separada e a legitimidade do Estado ucraniano (MERCHANT, 2022).

Diante de tais exigências, a resistência ucraniana estava quase garantida. A promessa de Zelensky de que os invasores “verão nossos rostos, não nossas costas” foi, na verdade, um apelo à resistência. As atrocidades russas apenas reforçaram o imperativo de resistir. Desta vez, as potências ocidentais também estavam se preparando para apoiar uma insurgência (GURGEL; PEDROSA, 2022).

Desde antes da Revolução Laranja, Putin assumiu que muitos, se não a maioria, dos cidadãos da Ucrânia permaneciam comprometidos com a ideia da nação “toda-russa”, e que são apenas seus líderes e a manipulação de potências estrangeiras que empurraram a Ucrânia para longe da Rússia. Durante anos, essa crença sustentou a campanha da Rússia para deter a tendência da Ucrânia em direção à Europa. Em 2004 e novamente em 2013-14, essa campanha foi desastrosa. Assim, Putin apostou que a força militar poderia ter sucesso onde várias outras formas de intervenção falharam (CNN BRASIL, 2022).

Putin afirmou que sua invasão era necessária para reunir russos e ucranianos em um único todo geopolítico e resolver o principal problema da Rússia – a questão ucraniana. Em sua mente, a ideia de Kiev como capital de um estado independente simboliza a humilhação nacional da Rússia. Putin também reconhece que uma Ucrânia próspera, democrática e culturalmente vibrante é uma ameaça ao seu próprio governo. Mas, além disso, ele vê o esmagamento da Ucrânia como a grande salva de abertura que proclamará o desafio da Rússia ao Ocidente pela liderança de uma nova ordem mundial (GURGEL; PEDROSA, 2022).

A importância que Putin e outras elites russas atribuem à ideia de unidade russo-ucraniana ajuda a explicar as origens do conflito atual, principalmente porque

Moscou estava disposta a arriscar uma guerra em larga escala em suas fronteiras quando, nem a Ucrânia nem a OTAN, representavam qualquer ameaça militar. Também sugere que as ambições de Moscou vão além de impedir a adesão da Ucrânia à OTAN e abrangem uma aspiração mais completa de dominar a Ucrânia política, militar e economicamente.

As excursões históricas de Putin tendem a provocar perplexidade no Ocidente – quando não são descartadas como desinformação total. No entanto, sua afirmação de que ucranianos e russos são “um só povo” tem uma longa linhagem nos círculos da elite russa e continua a moldar não apenas o discurso da elite, mas também a prática política. À medida que a Ucrânia se tornou cada vez mais “ucraniana” nos últimos anos, autoridades e analistas russos (poucos dos quais se preocuparam em aprender ucraniano) ignoraram as mudanças. (TAIBO, 2022)

Um líder que conscientemente se retrata como encarnando a tradição imperial da Rússia, Putin adota uma linguagem semelhante à de seus predecessores imperiais para descrever a Ucrânia e o relacionamento russo-ucraniano. Putin acusa a OTAN e a União Europeia de manipular o sentimento nacional ucraniano como parte de sua própria competição geopolítica com a Rússia. Da mesma forma, o discurso de Putin em 21 de fevereiro enfatizou como os líderes da Ucrânia pós-soviética “tentaram construir seu estado na negação de tudo o que nos une” com a ajuda de “forças externas”. (BBC NEWS, 2022).

Essa rejeição da identidade ucraniana e a afirmação de que o desejo da Ucrânia de se separar da influência russa era produto de “forças externas” parecem não ser apenas pontos de discussão russos, mas uma afirmação de que o próprio Putin (e, presumivelmente, outros russos de alto escalão) acreditam. Isso contribuiu para a confiança do Kremlin de que a guerra poderia ser vencida com facilidade e rapidez – que os ucranianos comuns dariam as boas-vindas às forças russas como libertadores assim que removessem a “junta fascista” em Kiev, embora o presidente Volodymyr Zelensky tenha obtido 73% dos votos na votação na Ucrânia. A arrogância russa baseou-se em uma falha básica em compreender não apenas as raízes profundas da identidade ucraniana, mas também a extensão em que a própria Ucrânia mudou ao longo dos anos desde o colapso soviético. (FOX NEWS, 2022)

As evidências dos últimos meses sugerem que os cálculos russos estavam errados. De fato, a contínua intervenção da Rússia na Ucrânia parece ser um dos

principais fatores que aceleram essa consolidação de uma identidade nacional ucraniana em desacordo com a ideia de uma nação “totalmente russa” baseada em Moscou. Um padrão semelhante se manteve ao longo da era Putin, já que as repetidas intervenções de Moscou na Ucrânia ajudaram a impulsionar o surgimento de uma consciência nacional ucraniana. (MONIZ, 2016)

Knott (2022) escreve que “se a Rússia parar de lutar, não haverá guerra. Se a Ucrânia parar de lutar, não haverá Ucrânia”; esse é o sentimento usado pelos manifestantes ucranianos que se mobilizam contra a invasão da Ucrânia pela Rússia. Tal sentimento significa as apostas existenciais de uma guerra onde a Ucrânia – um estado-nação democrático – está lutando por seu direito de existir contra uma invasão russa. Os ucranianos estão lutando e se mobilizando como cidadãos pelo direito de seu estado-nação democrático existir, enquanto a Rússia está lutando por uma versão da Ucrânia que é subserviente à ideia russa do que a Ucrânia deveria ser como um estado-nação.

Stepnisky (2022) corrobora ao dizer que sob esse olhar, o conceito de nacionalismo existencial demonstra os dois lados da moeda: a Ucrânia está lutando pelo direito de existir e manter seu direito de determinar como essa existência deve ser (democrática, multicultural, tolerante e multiétnica). A Rússia está lutando por uma versão da existência ucraniana que não é consensual e hierárquica, na qual a Ucrânia é subserviente à hegemonia e ideologia do Kremlin, que decide o que é bom e mau, certo e errado, e onde tem o direito de ocupar o que quer que seja do território ucraniano que escolher. O nacionalismo existencial é a motivação da Rússia para buscar a guerra, custe o que custar, e a motivação da Ucrânia para lutar com tudo o que tem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atual resistência da Ucrânia à invasão russa baseia-se em ciclos revolucionários e destaca um longo e multigeracional impulso para a autodeterminação nacional em face das reivindicações dos supremacistas russos.

Desde os protestos do Euromaidan em 2013-14 e como consequência da anexação da Crimeia e do conflito militar em Donbas, o governo da Ucrânia declarou a sua intenção de uma maior aproximação com a União Europeia e a OTAN apoiando esta declaração com medidas específicas, tais como uma mudança substancial na legislação e na política interna e externa. Os laços crescentes com a Europa levaram a uma mudança de valores, tanto no nível social quanto governamental, ameaçando a presença e a influência da Rússia na região.

O governo do ex-presidente Petro Poroshenko, marcou fortes intenções de separação cultural e política do poder imperialista; fortaleceu os militares para lutar contra a presença militar russa; promoveu a língua ucraniana para intensificar a identidade nacional ucraniana; concedeu autonomia à Igreja Ortodoxa Ucraniana para diminuir constantemente a influência do Patriarcado de Moscou sobre a população. No entanto, a invasão atual se baseou nas mesmas suposições sobre a identidade ucraniana que desviaram Moscou no passado. A resistência ucraniana já superou em muito o que Moscou esperava. As forças russas sofreram dezenas de milhares de baixas e falharam em seu objetivo inicial de marchar sobre Kiev.

Enquanto isso, até políticos da Plataforma de Oposição – Pela Vida, com sede no Leste, manifestaram-se contra a invasão russa, assim como os principais oligarcas. Plataforma de Oposição – Yuriy Boiko, talvez a voz pró-Rússia mais proeminente na Ucrânia pós-Yanukovich, deu seu apoio a Zelensky e declarou: "Temos um país - a Ucrânia, e devemos defendê-lo!". Mesmo que as forças russas tomassem Kiev, um regime de ocupação não poderia contar com um mínimo de legitimidade entre os cidadãos ucranianos na maior parte do país, especialmente após revelações de atrocidades generalizadas e outros crimes de guerra nas regiões ocupadas.

Em meio ao ressurgimento da Rússia como uma grande potência, seu fracasso mais gritante – e o mais significativo “negócio inacabado” de Putin – são os

repetidos infortúnios em manter a Ucrânia dentro do rebanho. A arriscada invasão, portanto, parece ser um último esforço para reverter o legado de fracassos anteriores – embora, se o registro histórico servir de guia, provavelmente acelerará em vez de reverter o processo de nacionalização e dissociação.

Combinado com a insistência de Putin de que a Ucrânia não é um estado real, tudo indica que Putin e o governo russo estão preparados para uma longa campanha. Os pontos de vista dos líderes russos sobre a Ucrânia, expressos em discursos e escritos desde o colapso da União Soviética, deixam claro que acreditam que a Ucrânia é, e deve permanecer, na esfera de “interesse privilegiado” da Rússia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAM, Taylor. Russia's attack on Ukraine came after months of denials that it would attack". **The Washington Post**. 2022. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/world/2022/02/24/ukraine-russia-denials/>. Acesso em: 02 Set. 2022.

ARNOULD, John-Michael. **Plano de Ação de Prontidão da OTAN: Benefícios Estratégicos e Desafios Notáveis**. Estudos Estratégicos Trimestral, v. 10, n. 1, p. 74-105, 2016.

BBC NEWS. **Russia-Ukraine sea clash in 300 words**. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-europe-46345697>. Acesso em: 30 Ago. 2022.

_____. **Ukraine: profile of a historic nation under the shadow of Russia**. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-europe-62333795>. Acesso em: 29 Ago. 2022.

_____. **Ukraine conflict: Moscow can 'defend' Russian-backed rebels**. Disponível em: <https://www.rferl.org/a/two-ukrainian-soldiers-killed-over-bloody-weekend-in-donbas/30413810.html>. Acesso em 30 Ago. 2022.

_____. **Ukraine protests after rejection of EU agreement Yanukovich**. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-europe-25162563>. Acesso em 30 Ago. 2022.

BEEVOR, Antony. **A Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Record, 2015.

BURKOVSKY, Petro; HARAN, Olexiy. Before and After the Euromaidan: Ukraine Between the European Choice and the Russian Factor. **Peter Lang**, p. 73-82, 2015.

CAMPOS, Fred Leite Siqueira; LOBO, Iuri Endo; AZEVEDO, Beatriz Marcondes de. O ocidente como responsável pelas crises da Ucrânia e da Geórgia. **Rev. Bras. Est. Def.**, v. 5, nº 2, p. 113-136, 2018.

CARNESELLA, Gustavo. **O direito à secessão e o princípio da autodeterminação dos povos: o caso da República da Crimeia (2014) no Direito Internacional**. Dissertação, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/12345672/PDPC1382-D.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 30 Ago. 2022.

CARVALHO NETO, J. S. **Nacionalismo em "Fato novo": perspectiva do nacionalismo autoritário no Brasil**. Brasil: (n.p.).

CNN BRASIL. **Veja como está a situação da Ucrânia três meses após invasão russa**. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/veja-como-esta-a-situacao-da-ucrania-tres-meses-apos-invasao-russa/>. Acesso em: 02 Set. 2022.

DE SALIS, André Ulysses. **O Silêncio do Leste: refugiados do Stalinismo no Paraná**. Tese – Doutorado em História. 2020. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/23238/2/Andr%C3%A9%20Ulysses%20De%20Salis.pdf>. Acesso em: 29 Mai. 2022.

DESCHANET, Maxime. 2014. **Introduction à l'Histoire de l'Ukraine**. Disponível em: <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-00994650/document> Acesso em: 13 de Abr. 2022.

DJMES, Yoshikazu de Lima; SUGUIMOTO, Maria Augusta de Castilho. Chernobyl - a catástrofe. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, v. 12, n. 2, p. 316-322, ago./dez. 2014.

EMBURY-DENNIS, Tom. Russia-Ukraine crisis: Kiev declares martial law as world powers condemn the seizure of ships by Putin's forces near Crimea. **Independent**, 27 Nov. 2018.

FISCHER, Sabine. **The Donbas Conflict Opposing Interests and Narratives, Difficult Peace Process**. Berlim, 2019. Disponível em: https://www.swp-berlin.org/publications/products/research_papers/2019RP05_fhs.pdf. Acesso em: 02 Set. 2022.

FOX NEWS. **Ukraine, pro-Russian separatists swap prisoners in step to end 5-year war**. Disponível em: <https://www.foxnews.com/world/ukraine-pro-russian-separatists-swap-prisoners>. Acesso em: 31 Ago. 2022

GILBERTO, David. Russia's 'idiotic' disinformation campaign could still lead to war in Ukraine. 2022. **World News**. Disponível em: <https://www.vice.com/en/article/88gdj3/russia-disinformation-campaign-bombing-ukraine>. Acesso em 03 Set. 2022.

GONTIJO, Fabiano. Nação, simbolismo e revolução na Ucrânia: experiência etnográfica tensa na/da liminaridade. **Rev. Antropol.**, v. 63, n. 3, p. 1-28, 2020.

GURGEL, João Pedro; PEDROSA, Bruno. **Rússia e EUA suspendem o tratado de forças nucleares de alcance intermediário**. Rev. Relações Exteriores, 2022. Disponível em: <https://relacoesexteriores.com.br/russia-eua-suspendem-inf/>. Acesso em 01 Set. 2022.

HARRIS, Shane; SONNE, Paul. Russia plans massive military offensive against Ukraine involving 175,000 troops, US intelligence warns". **The Washington Post**. 2021. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/national-security/russia-ukraine-invasion/2021/12/03/98a3760e-546b-11ec-8769-2f4ecdf7a2ad_story.html. Acesso em: 01 Set. 2022.

HIMKA, John Paul. **Falsifying the history of WWII in Ukraine**. 2005. Disponível em: https://www.academia.edu/577931/_Falsifying_World_War_II_History_in_Ukraine. Acesso em: 15 Jul. 2022.

HOBSBAWM, E. **A era dos impérios** / Eric J. Hobsbawm, tradução Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo; revisão técnica Maria Célia Paoli. — Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. **Nações e Nacionalismo desde 1780**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

HRUSHEVSKY, Mykhailo. **History of Ukraine-Rus**. Canadian Institute of Ukrainian Studies Press. 2005. Disponível em: https://www.e-reading.club/bookreader.php/1043049/Plokyh_-The_Gates_of_Europe.html. Acesso

em: 26 Jul. 2022.

HUNCZAK, T.; SHOHRYN, D. **Ukraine: The Challenges of World War II**. Lanham, 2003.

KNOTT, E. Existential Nationalism: Russia's War on Ukraine. **Nations and Nationalism**, p. 1-8, 2022.

KUBICEK, Paul. Problems of post-post-communism. Ukraine after the Orange Revolution. **Democratization**, v. 16, n. 2, p. 323-343, 2009.

KUZIO, Taras. National Identity and History Writing in Ukraine. **Nationalities Papers**, v. 34, n. 4, 2006.

LARTER, David B.; BODNER, Matthew. The Sea of Azov will not become the new South China Sea (and Russia knows it). **Defense News**, 28 Nov. 2018.

LIMA, Jean Santos; LIMA, Natália Soares de. **Crimeia e além: a política externa assertiva da Rússia e seus impasses com o ocidente**. Mural Internacional, v. 12, Rio de Janeiro, 2021.

MAGOCSI, Paul Robert. **A History of Ukraine: A Land and Its Peoples**. Toronto: University of Toronto Press/Scholarly Publishing Division, 2010.

MAZAT, Numa. **Uma análise estrutural da vulnerabilidade externa econômica e geopolítica da Rússia**. Tese (Doutorado em Economia Política Internacional) – Instituto de Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

MELO, Guilherme. **Geopolítica da Guerra Civil Russa**. Disponível em: <https://www.jornalapatria.com/post/geopol%C3%ADtica-da-guerra-civil-russa>. Acesso em: 16 Abr. 2022.

MERCHANT, Nomaan. US intel predicted Russia's invasion plans. Did it matter? **AP NEWS**. 2022. Disponível em: <https://apnews.com/article/russia-ukraine-vladimir-putin-business-europe-8acc2106b95554429e93dfce5e253743>. Acesso em: 02 Set. 2022.

MIELNICZUK, Fabiano. Identidade como Fonte de Conflito: Ucrânia e Rússia no Pós-URSS. **Contexto Internacional**, v. 28, n. 1, p. 223-258, 2006.

MONIZ, L. A. B. 2016. **A desordem mundial: O espectro da dominação: guerras por procuração, terror, caos e catástrofes humanitárias**. Brasil: Civilização Brasileira. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/A_desordem_mundial/xzqHDQAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=0. Acesso em: 02 Set. 2022.

NBC NEWS. **Russia-backed separatists announce evacuation of civilians from eastern Ukraine as escalation stokes fears of a Russian invasion**. 2022. Disponível em: <https://www.nbcnews.com/news/world/east-ukraine-shelling-russian-invasion-fears-putin-pretext-rcna16773>. Acesso em 04 Set. 2022.

PIMENTEL, Ricardo Pontes. **O 'mundo russo' e a crise da Ucrânia: proteção de uma comunidade interestatal ou imperialismo russo?** Monografia. Faculdade Damas da Instrução Cristã – FADIC, 2019.

REIS, Tácio Nepomuceno. **A geopolítica da Rússia: uma análise através da geopolítica clássica e do choque de civilizações.** Monografia. Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, 2015.

REUTERS. **Onde o ucraniano Yushchenko errou?** 2010. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/ukraine-election-yushchenko-idUSLDE601200111>. Acesso em: 29 Ago. 2022.

_____. **Relatório Especial: Porque a Ucrânia rejeitou a UE e abraçou a Rússia.** 2013. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-ukraine-russia-deal-special-report-idUSBRE9BI0DZ20131219>. Acesso em 30 Ago. 2022.

REVISTA ESTRATÉGIA NACIONAL. **Ucrânia. Crise política e disputa entre as potências imperialistas e a Rússia.** 2014. Disponível em: https://estrategiainternacional.org/Ucrania-Crise-politica-e-disputa-entre-as-potencias-imperialistas-e-a-Russia?lang=pt_br. Acesso em 30 Ago. 2022.

RODRIGUES, Robério Paulino. **O colapso da URSS: um estudo das causas.** Tese. 310p. Unesp, 2006.

RYABCHUK, Mykola. In *Bed with an Elephant: Cultural Wars and Rival Identities in Contemporary Ukraine.* **Postcolonial Europe**, Stockholm, abr. 2009. Disponível em: <http://www.postcolonial-europe.eu/essays/63--in-bed-with-an-elephant-cultural-wars-and-rival-identities-in-contemporary-ukraine>. Acesso em: 25 Jul 2022.

STEPNISKY, J. We should all be concerned that Putin is trying to destroy Ukrainian culture. **The Conversation.** 2022. Disponível em: <http://theconversation.com/we-should-all-be-concerned-that-putin-is-trying-to-destroy-ukrainian-culture-17935>. Acesso em: 02 Set. 2022.

TAIBO, Carlos. **Rusia frente a Ucrania - Imperios, pueblos, energía.** 2022. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Rusia_frente_a_Ucrania/aw5hEAAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1. Acesso em: 02 Set. 2022.

THE MOSCOW TIMES. Putin says conflict in eastern Ukraine 'looks like genocide'. **The Moscow Times.** 2021. Disponível em: <https://www.themoscowtimes.com/2021/12/10/putin-says-conflict-in-eastern-ukraine-looks-like-genocide-a75780>. Acesso em 02 Set., 2022.

UKRAINER. **Mentiras comuns sobre o Holodomor.** Disponível em: <https://ukrainer.net/common-lies-about-the-holodomor/>. Acesso em: 29 Mai. 2022.

WANNER, Cathy. Education Practices and the Making of National Identity in PostSoviet Ukraine. *Anthropology of East Europe Review.* **Culture and Society in the Former Soviet Union**, v.13, n. 2, 1995.

WEINER, A. **Making Sense of War: The Second World War and the Fate of the Bolshevik Revolution.** 2001. Disponível em: <http://catdir.loc.gov/catdir/samples/prin031/00044125.pdf>. Acesso em 16 Jul. 2022.

WILSON, Andrew. *The Ukrainians: Unexpected Nation.* **Yale University Press**, New Haven and London, 2000.

ZÃO. Adriano Carmelo Vitorino. **Perspectivas brasileiras após o fim da União Soviética**. Dissertação de Pós-Graduação. 2011. Universidade Federal Fluminense. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/stricto/td/1491.pdf>. Acesso em: 26 Mai. 2022.